

Tensões Envolvendo Trabalhadores Rurais “Bóias-frias” e a Agroindústria Canavieira na Região de Assis-SP: Um Olhar da Imprensa Local – Jornal *A Voz da Terra*¹

Antonio Alves Bezerra*

O texto intitulado: Tensões Envolvendo Trabalhadores Rurais “Bóias-frias” e a Agroindústria Canavieira na Região de Assis-SP: Um Olhar da Imprensa Local – Jornal *A Voz da Terra*, procura resgatar algumas representações existentes nos editoriais e artigos veiculados pelo jornal *A Voz da Terra*, trazendo à luz a sua posição político-ideológica frente aos conflitos existentes no campo envolvendo os trabalhadores rurais “bóias-frias” e os usineiros na região de Assis, oeste do estado de São Paulo.

Para tanto, alguns posicionamentos desse meio de comunicação serão analisados em dois momentos: um no início de sua criação e o outro décadas após. De acordo com a pesquisa, tornou-se perceptível que o jornal serviu amplamente ao grupo local de usineiros na tentativa de supostamente “camuflar” a realidade vivida pelos trabalhadores da cana nos primeiros anos de sua circulação.

Há de se ressaltar, portanto, que em suas publicações poucas foram as informações a respeito dos conflitos existentes no campo, especialmente nessa região. Outro fator significativo a ser observado é que o ideário do jornal pautava-se na premissa de progresso e desenvolvimento para a cidade, atuando como defensor destes ideais e corroborando com os ideais dos usineiros locais.

O jornal *A Voz da Terra*, de propriedade de Egydio Coelho da Silva, iniciou a sua circulação na cidade de Assis e região a partir de 1963, momento em que se realizou o lançamento de seu primeiro exemplar. Nos primeiros anos de sua publicação, tornou-se perceptível que circularam neste veículo de comunicação poucas informações a respeito das questões referentes ao processo de mecanização das usinas.

A seguir, uma notícia veiculada por esse jornal evidencia uma matéria cujo objetivo é mostrar a dimensão e a potencialidade desta agroindústria no que tange à produção:

Nova América e Maracá vão produzir um milhão de sacas de açúcar

¹ Esse texto faz parte de um dos capítulos de minha Dissertação de Mestrado, intitulada: Bóias-Frias e a Mecanização nas Usinas de Açúcar e Álcool no Oeste Paulista: 1960-2000, PUC/SP, 2002.

* Doutorando em História pela PUC/SP e Professor de História na Rede Pública Estadual, atuando no Ensino Fundamental e Médio.

Usinas Nova América e Maracaí ampliam seu parque industrial para produção, assim, aumentaria sua produção de açúcar de 600 mil sacas para 1.000.000 de sacas. Tendo um investimento de 100 milhões de cruzeiros, aumentando o plantio de cana, de 3 mil alqueires na região de Assis, desta forma aumenta-se a oferta de empregos na produção e na indústria (*A Voz da Terra*, 09/08/1975, p. 6).

A idéia de progresso envolve o periódico local, entrando em contradição com informações publicadas a respeito da oferta de emprego a ser gerada a partir desses novos investimentos em setores estratégicos das usinas. Questiona-se a causa da preocupação com empregos nesse momento se, na verdade, em artigos publicados na mesma época por este periódico explicitou-se uma preocupação maior em reduzir-se o número de trabalhadores rurais ativos nos setores agrícolas, salientando a importância e eficiência das novas técnicas de produção.

No mesmo período as páginas do jornal são tomadas por propagandas enaltecendo a eficiência e a dinamicidade das máquinas colheitadeiras de cana, como figura na reportagem abaixo.

Colhedeira de cana 102: a automotriz que não deixa nada para traz

Não existe nada mais avançado na colheita de cana do que a colhedeira automotriz da Massey Ferguson. Em cana ereta ou tombada, a MF corta, pica, carrega e abre seu próprio caminho no canavial sem qualquer ajuda, e é capaz de render até uma tonelada de cana picada por minuto (*A Voz da Terra*, 05-10-1976, p. 5).

A propaganda realmente tem buscado sua efetivação, não apenas nos canaviais da região de Assis, mas do Brasil. Vale ressaltar que a máquina, num primeiro momento, não atendia as demandas de todos os tipos de solo porém, atualmente, esse quadro já foi revisto e não causa tanta preocupação aos empresários agrícolas e latifundiários no país como um todo.

O trecho torna patente que esta é uma matéria realizada pelos representantes de equipamentos pesados utilizados na agroindústria e que, segundo a propaganda, deveriam ser empregados nas mais variadas áreas agrícolas do país. Assim, acredita-se que esta circula com o objetivo de incentivar os agricultores da região, sobretudo aqueles que vêm na cultura canavieira o campo fértil para a acumulação de bens e capital.

Vários editoriais e artigos de opinião foram publicados pelo jornal *A Voz da Terra* enaltecendo claramente as usinas. Conseqüentemente, num primeiro momento, observou-se que o periódico local buscou construir, através de suas reportagens, representações acerca dos empresários do açúcar.

A título de exemplificação, o trecho a seguir é representativo desta afirmação:

Congresso internacional açucareiro

O município de Assis é extremamente agrícola e sua maior cultura é a cana-de-açúcar: possui 4 usinas que se relacionam com os derivados de álcool e açúcar. Assim, seguem para Cuba os dois empresários Renato de Resende Barbosa e Paulo de Resende Barbosa; estes irão participar de um Congresso referente ao setor açucareiro, no qual serão discutidos os fatores sociais e técnicos desses produtos (*A Voz da Terra*, 12/02/1983, p. 4).

A forma que o periódico realiza a chamada da notícia, salientando que um grupo de empresários está se deslocando para outro país, com o objetivo de verificar as novas técnicas e aquisições de tecnologias empregadas no setor, deixa explícito que, naquele momento, seu olhar ainda não se direcionava para a exclusão de centenas de trabalhadores do universo canavieiro local.

A leitura das informações do jornal *A Voz da Terra*, em seus primeiros anos, possibilitou pensar na omissão das informações de conflitos envolvendo cortadores de cana em toda a região do estado de São Paulo e, de forma mais precisa, próximos à cidade e a região de Assis-SP. Esse apontamento abre possibilidades de reflexão acerca de um possível silenciamento dos fatos, deixando a opinião pública local sem a devida informação.

Sendo assim, acredita-se que a omissão de informações no que se refere a conflitos, greves, reivindicações salariais e outros procedimentos adotados pelos trabalhadores e usineiros locais permitem pensar na possibilidade deste jornal apresentar, em seus

primeiros anos, uma certa dependência de grupos econômicos locais e, mais precisamente, uma preocupação destes com a proliferação das idéias de outros “bóias-frias” na região, tendo em vista que o forte da economia regional é a cana-de-açúcar.

Essa postura ocorreu, possivelmente, devido aos vínculos da imprensa local com as referidas empresas açucareiras, posicionando-se de forma enaltecida destas em seus editoriais, sem mostrar de fato os conflitos sociais pendentes no campo.

Por meio da leitura das reportagens do jornal *A Voz da Terra*, observou-se que esse meio de comunicação apresentava uma certa interrupção em suas posições, fossem elas referentes ao enaltecimento das usinas e/ou omissão de informações. Essa postura não-linear revela, de certa forma, seu posicionamento político-ideológico frente às contradições presentes no campo.

Outra questão que merece destaque é o fato de que, em determinados momentos dentro do período pesquisado, o jornal local não divulgou e não se posicionou a respeito de conflitos em outras regiões do estado envolvendo os trabalhadores rurais.

Chama-se a atenção para o conflito da cidade de Guariba-SP, que se tornou matéria de capa do jornal *Folha de S. Paulo* em 1984, continuando a ser discutido pelo mesmo jornal e ignorado pelo jornal *A Voz da Terra*.

Esse apontamento deixa transpassar a omissão por parte do periódico na divulgação desses conflitos, principalmente aqueles que envolviam o setor canavieiro no estado. Neste aspecto, pode-se levantar hipóteses de estarem atrelados os interesses do periódico aos dos usineiros em não mencionar os conflitos travados na cidade de Guariba, uma vez que a região de Assis é ocupada pela cultura canavieira.

Sendo assim, poderia-se pensar que a divulgação de tais conflitos viesse a desencadear outras tensões nesta região, abrindo possibilidade para se concluir que os usineiros exerciam influências no posicionamento do periódico, no que diz respeito aos conflitos ocasionados no final dos anos 70 e 80.

Essa afirmação se torna possível, uma vez que o fato teria sido ignorado pelo jornal local, ganhando destaque nas páginas do jornal *Folha de São Paulo*. Sendo assim, “mesclam-se vários interesses particulares” em voga, “Grupos se aproximam e se distanciam segundo suas conveniências do momento” (CAPELATO, 1984, p. 34).

Acrescenta-se que a década de 1980 ainda estava marcada por tensões políticas com os resquícios da repressão militar no país. Esses grupos econômicos (compreendidos por usineiros) haviam apresentado, também, em outros momentos, uma certa simpatia pelas

propostas políticas dos militares, especialmente quando se fala em reprimir interesses de classes sociais, como é o caso dos trabalhadores rurais “bóias-frias”.

Neste aspecto observa-se que o jornal dependia da propaganda ou de matérias pagas para sua sobrevivência e que, muitas vezes, “interesses econômicos” nortearam a sua posição, sendo que sua participação política torna-se inegável (CAPELATO, 1986).

Reportagens do jornal *A Voz da Terra* enalteciam a mecanização nos anos 90, que se constituem no auge de sua implantação, construindo, assim, uma representação de omissão a respeito dos ônus sociais acarretados pela implantação desta na região de Assis. O trecho a seguir é bastante revelador frente a essa afirmação:

Entra a máquina, sai facão na colheita da cana

A cana-de-açúcar é uma das últimas culturas a utilizar a colheita mecanizada no Brasil. Após duas tentativas frustradas de introdução efetiva desta tecnologia, nas décadas de 70 e 80, a colheita mecanizada é hoje uma realidade da qual não se pode fugir (...). *A colheita mecanizada da cana, que deve antecipar em alguns anos a aposentadoria do facão: a colheita manual* (grifos nosso).

São inúmeras as vantagens da colheita mecanizada quando comparada com a manual, mas a implantação do processo requer tempo e, por isso, deverá ser gradual (...). *O rendimento médio diário de cada máquina é de 350 toneladas de cana picada por dia* (...). Sempre que se fala em substituição de recursos humanos por máquinas, imediatamente o fato é relacionado com o ônus social decorrente. Neste caso não é diferente, mas pode ser diluído pelo tempo, porque esta alteração não pode ser feita de imediato. Assim como ocorreu na década de 80, quando a mão-de-obra do setor canavieiro migrou em massa para a construção civil, as grandes regiões de cana do Estado convivem com o mesmo drama há algum tempo (*A Voz da Terra*, 14-09-1995, p. 12).

Essa reportagem faz parte de uma série de entrevistas realizadas nos campos das usinas circunvizinhas à cidade de Assis. Mais uma vez o destaque atribuído à manchete da notícia norteia uma representação de passividade por parte dos trabalhadores rurais. Os

pontos destacados abrem possibilidade de reflexão sobre a hipótese de uma certa despreocupação frente às repercussões do processo de implantação da tecnologia. Principalmente, quando é enfatizado que “cada máquina corta 350 toneladas de cana por dia, o equivalente a substituição de 45 trabalhadores manuais”, encontra-se respaldo para o fato de que só seriam contratados para o corte da cana aqueles que conseguissem atingir a meta de 8 toneladas de cana cortada, conforme depoimentos dos próprios trabalhadores.

Esse dado torna-se significativo para se avaliar a posição deste jornal, que atribui naturalidade ao fato, pontuando que “os trabalhadores serão diluídos na construção civil”. O questionamento feito é sobre a disponibilidade de postos de trabalho na construção civil para todos os trabalhadores que deixarem as atividades do corte da cana.

Para o sindicalista rural, representante dessa categoria:

Para tentar sanar o desemprego, o “bóia-fria” fica pulando de emprego em emprego, isso é ruim, pois nem se tem registro em carteira. Outro recurso encontrado é o emprego de ajudante de pedreiro. Mas com a crise, são poucas as pessoas que ainda estão construindo (*A Voz da Terra*, 14/09/1995, p.12).

A fala do sindicalista possibilita pensar que a implantação da automação e sua perpetuação poderiam agravar ainda mais o processo de desigualdades sociais. Sem dúvida, a mecanização tornou-se ingrediente necessário para a produção, não importando se esta for incorporada nos setores do campo ou da cidade, porém caminha-se para a exclusão dos trabalhadores, sem abertura de novas possibilidades de trabalho na região e outras partes do país.

Nesta notícia figura a idéia de que “a colheita mecanizada da cana deve antecipar em alguns anos a aposentadoria do facão (a colheita manual), sendo justificado posteriormente o processo: “são inúmeras as vantagens da colheita mecanizada quando comparada com a manual, mas a implantação do processo requer tempo e, por isso, deverá ser gradual”. Figuram hipóteses de que o tempo exigido pela automação da lavoura não sinalizou para uma recolocação e nem mesmo melhorias para os trabalhadores; pelo contrário, a mecanização tirou dos trabalhadores direitos adquiridos em outras lutas.

Recentemente, em 2001, o jornal *A Voz da Terra* demonstrou-se sensibilizado com as repercussões da mecanização no campo, cedendo espaço para avaliações realizadas pelos sindicalistas rurais da região. Representantes de diversos sindicatos teriam se reunido na cidade de Assis para elaboração e encaminhamento de um documento que visava sensibilizar os usineiros da região para não adquirirem mais nenhuma máquina para o corte da cana.

A situação é muito precária no que tange às necessidades dos trabalhadores do campo, e seria acentuada com a compra de outros equipamentos para a prática do corte da cana, trazendo prejuízos aviltantes aos trabalhadores rurais da região, ocasionando sua exclusão em proporções ainda maiores.

Mecanização X Desemprego:

sindicatos preparam documento para sensibilizar usineiros

Sindicato dos Funcionários Públicos Municipais, juntamente com o Sindicato Rural de Assis e a Comunidade Eclesiástica de Base da Diocese de Assis, preocupados com o desemprego e outros problemas na cidade, como roubo, aumento do consumo de drogas, crianças e adolescentes fora da escola, está redigindo um documento para tentar sensibilizar usineiros da região a não comprarem novas máquinas em substituição ao trabalhador na colheita da cana (...). Nesse momento, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Assis, Luiz Carlos Casachi, lembrou que só a *Nova América dispensou 1.040 trabalhadores no corte da cana de 1997 até 2000. A situação é cada vez mais drástica para nossa sociedade, uma vez que a cidade não consegue empregar a demanda de trabalhadores braçais que estão sendo dispensados do campo* (grifos nosso). O que queremos com esse documento é chamar a atenção *de quem tem o poder nas mãos para a importância de se combater o desemprego e demais problemas sociais* (grifos nossos) e buscar uma sociedade melhor, com menos desigualdade social (*A Voz da Terra*, 10/04/2001, p. 03).

Observando os trechos de reportagens veiculadas por este jornal, percebe-se que não durou muito tempo para que a cidade sentisse as repercussões da mecanização, fato que não foi evidenciado nos primórdios de funcionamento desse periódico. Setores da sociedade civil começaram a se manifestar insatisfeita seis anos após a previsão feita pelo

jornal, momento em que este havia afirmado que os desdobramentos não seriam de grandes proporções e, caso ocorressem, “os trabalhadores encontrariam lugar na construção civil”.

A fala do representante dos trabalhadores rurais descortina o discurso elaborado naquele momento pelo jornal local, enfatizando que se tornou visível na região a “demissão de 1040 trabalhadores” com a utilização de poucas máquinas. Sendo assim, pode-se perceber que os centros urbanos não dão conta de incorporar aos seus postos de trabalho o contingente de trabalhadores excluídos das áreas rurais, em sua maioria sem qualificação adequada para ocupar os novos posto de trabalho.

Outra questão que merece destaque nesta reportagem é a descrença nos órgãos governamentais superiores: Chefe de Estado, Governadores Estaduais e Autoridades Municipais, quando os integrantes responsáveis pela elaboração do documento pontuam que querem chamar a atenção de “quem tem o poder nas mãos para a importância de combater o desemprego”. Percebe-se a omissão do governo e a forte presença dos grupos econômicos, deixando visível a condição de dependência da população local em relação aos usineiros.

Desta maneira, ressalta-se que o jornal *A Voz da Terra* deveria ter apresentado e discutido o problema da exclusão que os trabalhadores da região enfrentariam com o passar dos anos. No entanto, os trechos analisados evidenciam o seu silenciamento quanto à participação na veiculação das informações e aprofundamento nas repercussões ocasionadas pela implantação do processo tecnológico.

Entra a máquina, sai facão na colheita da cana

A substituição da colheita manual pela mecanizada demanda tempo e inúmeras alterações, que começam no preparo do solo e passam pelo plantio, transporte e recepção da cana na indústria. A Nova América está se preparando há dois anos para se adequar às normas exigidas pela mecanização e começou o processo pela parte agrônômica, alterando o plantio da cana em algumas áreas e hoje está na etapa seguinte: mudanças no transporte e recepção (...). O rendimento médio de cada máquina é de 350 toneladas por dia, eliminando o sistema de

carregamento e efetuando entrega imediata da matéria-prima bem mais limpa para ser processada (...). Quanto ao solo, segue o seguinte processo: curvas de nível bem menos acentuadas, sulcos mais rasos, linhas de plantio paralelas, topografias planas e pesquisas em variedades de cana com menos palha, além do preparo do operador de máquinas. Neste aspecto, é pontuado pelo gerente que no prazo de 5 a 6 seis anos após o início do processo, é possível mecanizar o Vale do Paranapanema, até 70% da colheita, por ser uma região de topografia privilegiada (*A voz da Terra*, 14/09/95, p. 12).

Cabe destacar que esta reportagem teria sido publicada na íntegra em caderno especial do mesmo jornal em 1996, intitulada: **Máquinas e Homens começam aos poucos a dividir espaço no canavial** (grifos meus). Acredita-se que foi mais uma forma de evidenciar o progresso na região, como sempre clamado pelo jornal e pelos usineiros. As manchetes ilustram a passividade dos trabalhadores na região, bastando observar a seguinte manchete: “Entra a máquina, sai facão na colheita da cana”.

Depois, numa tentativa de conciliar interesses, não mais opondo o trabalhador e a máquina, a própria matéria é reeditada com outra manchete: “Máquinas e homens começam aos poucos a dividir espaço no canavial”, pretendendo-se apresentar um clima de relação pacífica e harmoniosa entre este e a tecnologia.

O jornal sinaliza para o entendimento entre o homem e a máquina, deixando transparecer a idéia de que o trabalhador rural não enxerga a exclusão vivenciada por ele próprio. A idéia de conformismo e/ou conciliação torna-se mais uma representação das empresas açucareiras, servindo como mecanismo ideológico para mascarar e justificar as desigualdades sociais, deslanchando-se assim o pretenso progresso na região.

Nas manchetes veiculadas pelo jornal *A Voz da Terra*, percebe-se que a questão do Pró-álcool foi muito debatida pela imprensa local, incorporando-se ao seu discurso os anseios dos usineiros, além de destacar o espaço que tiveram os usineiros *Resende* para clamar a defesa do programa.

Ao final dos anos 70 a questão da mecanização já se torna notícia na região de Assis, ocupando diariamente as páginas do periódico local que, por sua vez, insiste na importância desta para o desenvolvimento da cidade e região. Ao final desta década, a questão da

exclusão ganhou destaque e algumas idéias caminhavam para uma possível avaliação das conseqüências que o trabalhador rural teria que enfrentar em anos futuros com a introdução da tecnologia.

Técnicos anunciam a mecanização das lavouras de cana

Em entrevista o técnico Franz O. Brieger revela que o objetivo dos domínios de novas técnicas no setor canavieiro é o de implementar e racionalizar a cultura na região; assim, a mecanização atenderia às necessidades governamentais para a produção de álcool, o que acelerou as metas tomadas pelo Pró-álcool, aumentando a produção de cana em mais de 30% em toda região. Assim, a produção de álcool seria muito vantajosa para o país, prevendo o abastecimento de outros mercados. Para o mesmo técnico a expansão da cultura canavieira em Assis e região seria uma medida benéfica para a agricultura. O agrônomo salienta ainda que *a implantação da tecnologia mecanizada no seu início causaria um impacto social* (grifos nossos), mas com o passar dos anos os trabalhadores iriam se adaptando às novas formas de trabalho e os chamados “bóias-frias” iriam desaparecendo gradativamente (*A Voz da Terra*, 13/07/1978, p.1).

Este engenheiro esteve na cidade de Assis com o objetivo de esclarecer a potencialidade da mecanização, caso fosse implantada na região. Na fala deste profissional, ficou explícita que a implantação da mecanização atenderia às necessidades de um grupo econômico, em particular dos usineiros, atendendo de certa forma também aos anseios do governo em fabricar álcool carburante em larga escala.

Em sua fala, o engenheiro foi incisivo com relação à questão da exclusão dos trabalhadores rurais de suas atividades nos canaviais, fazendo a seguinte afirmação: “A implantação da tecnologia mecanizada no seu início causaria um **impacto social** mas com o passar dos anos, os trabalhadores iriam se adaptando a estas transformações”.

Torna-se oportuno lembrar que este profissional equivocou-se ao realizar tal previsão, uma vez que a exclusão dos trabalhadores é visível e estes, por sua vez, ainda não encontraram novas formas de adaptação no “mundo do trabalho”.

O trecho descrito acima abre perspectiva de discussão acerca dos rumos que o uso da tecnologia iria tomar com o passar dos anos, ficando explícito na fala do engenheiro agrônomo que a tecnologia, além de ser uma necessidade para a agroindústria competir no

mercado econômico, atenderia aos interesses crescentes dos usineiros da região de Assis, como também de usineiros do país como um todo.

A partir de então, percebe-se que a questão da mecanização é delineada pelo profissional como medida benéfica ao setor agroindustrial, o que não pode ser contestado, porém a hipótese de exclusão dos trabalhadores rurais dos canaviais torna-se inevitável, sendo mencionada por este profissional.

Enfim, trechos dos artigos publicados por este periódico foram citados na tentativa de compreender os desdobramentos advindos da mecanização a partir do olhar da imprensa local, especialmente no que tange às possibilidades para se entender de que maneira a comunidade local foi informada a respeito deste processo.

A leitura dos discursos expressos no jornal permite acompanhar o movimento das idéias que circularam na época. A análise do ideário e da prática política dos representantes de um jornal revela a complexidade da luta social no eixo campo-cidade.

Numa tentativa de mapear o periódico *A Voz da Terra*, procurou-se abordar e refletir acerca de sua utilização como fonte documental. O que possibilita perceber “o jornal como um instrumento que tem o papel de relatar a vida cotidiana de uma sociedade ou de uma comunidade em que está inserido” (Alves, 1996, p.35).

Nos artigos, reportagens e/ou notícias publicadas neste período, embora não tenha ficado evidente se as matérias que circulavam diariamente mencionando as empresas compunham-se de matérias pagas ou não, estas sempre trataram as empresas em destaque de forma enaltecida, sobretudo seus feitos e suas perspectivas.